

mercado

Inflação fecha 2022 em 5,79% e estoura meta pelo 2º ano seguido

Com corte de tributos, IPCA desacelera ante os 10,06% de 2021; índice de dezembro supera previsões

Leonardo Vieceli

RIO DE JANEIRO A inflação oficial do Brasil, medida pelo IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo), fechou 2022 em 5,79%, divulgou o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) nesta terça-feira (10).

Com os cortes de impostos sobre combustíveis e energia elétrica, o IPCA perdeu força em relação a 2021, quando havia subido 10,06%.

Apesar da trégua, os preços seguem em um patamar elevado para o bolso dos brasileiros. Pelo segundo ano consecutivo, o IPCA estourou a meta de inflação perseguida pelo BC (Banco Central).

A variação de 5,79% também surpreendeu o mercado financeiro. Analistas consultados pela agência Bloomberg esperavam uma alta menor, de 5,60%.

O centro da meta de inflação era de 3,5% em 2022, com intervalo de tolerância de 1,5 ponto percentual para cima (5%) ou para baixo (2%).

Com o dado acima dessa faixa, o presidente do BC, Roberto Campos Neto, teve de escrever uma carta para explicar o descumprimento da medida de referência (leia abaixo).

Na variação mensal de dezembro, o IPCA acelerou para 0,62%, depois da alta de 0,41% em novembro.

O novo resultado também veio acima das estimativas. Analistas consultados pela Bloomberg projetavam avanço de 0,44% em dezembro.

A devolução de parte dos descontos da Black Friday de novembro ajuda a explicar o resultado maior no mês, dizem economistas.

As projeções, dizem, ainda sugerem uma inflação elevada em 2023, o que representa um desafio para o governo Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

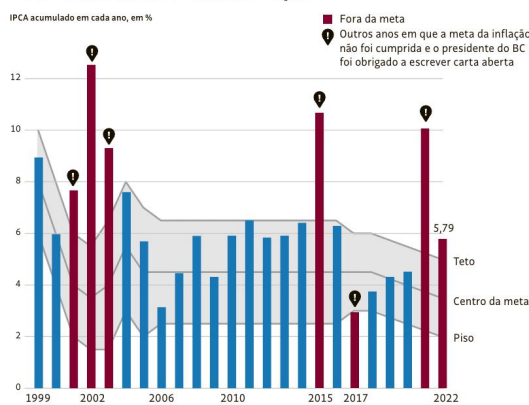
Em um cenário de incertezas fiscais com possíveis gastos da gestão petista, instituições do mercado financeiro aumentaram as estimativas para o IPCA deste ano.

A alta prevista para o acumulado de 2023 subiu de 5,31% para 5,36%, conforme a edição mais recente do boletim Focus, divulgada pelo BC na segunda-feira (9).

Se a projeção for confirmada, 2023 marcará o terceiro estouro consecutivo da meta de inflação. O centro da meta foi definido em 3,25% para este ano. O intervalo de tolerância, novamente, é de 1,5 ponto percentual para mais (4,75%) ou para menos (1,75%).

Na avaliação do economista Luca Mercadante, do Rio Bravo Investimentos, o país atravessa um período de "inflação muito pressionada" e a

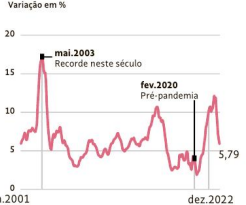
Histórico do sistema de metas de inflação



IPCA mensal desde 2020



IPCA em 12 meses durante o século



O BC estabeleceu uma meta ajustada de 8,5% para 2003. Em junho do mesmo ano, alterou o teto da meta de 2004 de 6,25% para 8%.

Fontes: Banco Central e IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)

alta dos juros promovida pelo BC ainda não conseguiu controlar totalmente o avanço dos preços.

Recentemente, a Rio Bravo elevou a previsão para o IPCA de 2023, de 5,2% para 5,4%.

"A preocupação fiscal vai ganhando força. Faz com que as expectativas de inflação se deteriorem", afirma Mercadante.

Conforme o economista, a retomada da demanda por serviços, após as restrições na pandemia, é outro fator que desafia a trégua do IPCA neste ano.

A alta acumulada pelo índice oficial em 2022 (5,79%) foi puxada pelo grupo alimentação e bebidas, apontou o IBGE. O segmento subiu 11,64% no ano.

Com isso, teve o maior impacto no IPCA (2,41 ponto percentual) entre os nove grupos pesquisados.

Marcos de Oliveira Julio, 38, precisou adaptar a rotina para lidar com a inflação. O motorista da capital paulista re-

duziu o consumo de carne e substituiu produtos em busca de preços mais em conta no supermercado.

"A inflação vai acabando com os planos", afirma Julio, que trabalha como editor de vídeos e mora com a namorada desde fevereiro de 2022.

"Como colocamos tudo na ponta do lápis, iríamos pagar o aluguel e guardar parte do dinheiro para comprar um imóvel próprio. Mas esse dinheiro foi corroído", lamenta.

Ao contrário de alimentação e bebidas, o grupo dos transportes teve queda de preços em 2022. A baixa foi de 1,29%, a mais intensa entre os segmentos pesquisados.

Assim, os transportes responderam pelo principal impacto negativo sobre o IPCA (-0,28 ponto percentual). O recuo do grupo é explicado, em grande parte, pela gasolina, que caiu 25,78%.

De forma individual, o produto foi o responsável pela influência negativa mais inten-

sa (1,70 ponto percentual) entre os 377 subítemos do IPCA.

Os preços da gasolina caíram em decorrência das reduções nas refinarias e da aplicação da lei que limitou a cobrança de ICMS (imposto estadual) sobre os combustíveis, destacou o IBGE.

Esse alívio tributário também afetou serviços como a energia elétrica residencial, que recuou 19,01% em 2022.

Em uma simulação, se a gasolina e a energia elétrica fossem retiradas do cálculo do IPCA, o índice teria subido 9,56% no ano passado, e não 5,79%, afirma André Almeida, analista do IBGE.

Alta de alimentação e bebidas, por sua vez, refletiu especialmente a carestia da alimentação no domicílio (13,23%).

Os destaques foram a cebola, que saltou 130,14%, a maior variação entre os 377 subítemos do IPCA, e o leite longa vida (26,18%).

Nos transportes, houve alívio de empacamento e licen-

Maiores altas do IPCA em 2022

- Cebola 130,14%
Inchame 62,96%
Maçã 52,03%
Batata-inglesa 51,92%
Alimento infantil 42,14%
Farinha de mandioca 38,56%
Tangerina 36,28%
Leite condensado 35,75%
Milho em grão 35,24%
Melão 34,84%

MAIORES QUEDAS

- Gasolina -25,78%
Etanol -25,42%
Energia elétrica residencial -19,01%
Abacate -12,36%
Acesso à internet -12,09%
Videogame (console) -11,47%
Filé-mignon -10,72%
Abobrinha -10,55%
Carne de carneiro -10,32%
Aluguel de veículo -10,24%

Quando a gente olha os dados fechados de 2022, vê que a inflação dos preços livres subiu bastante, mas foi parcialmente compensada por preços administrados no terreno negativo. A energia elétrica caiu, a gasolina caiu bastante...

Júlia Passabom economista do Itaú Unibanco

ça (22,59%). Esse foi o subitem com a maior influência individual (6,49 ponto percentual) para o avanço do IPCA em 2022, apontou o IBGE.

O instituto ressaltou que a alta do IPVA está associada ao aumento dos preços dos automóveis em 2021, já que a cobrança é baseada no valor venal dos veículos ao final do ano anterior.

Entre os grupos, vestuário foi aquele que registrou a variação de preços mais intensa no ano passado: 18,02%. Foi a maior alta do segmento desde dezembro de 1994.

Quando a gente olha os dados fechados de 2022, vê que a inflação dos preços livres subiu bastante, mas foi parcialmente compensada por preços administrados no terreno negativo. A energia elétrica caiu, a gasolina caiu bastante...

A instituição prevê IPCA de 5,7% em 2023. A curto prazo, diz Passabom, há um viés de alta nas projeções em razão de dois fatores: a surpresa com a inflação de dezembro e o avanço dos preços da gasolina neste início de ano.

Ao longo de 2022, o IPCA chegou a bater em 12,13% no acumulado de 12 meses até abril. A perda de fôlego nas divulgações posteriores foi puxada pelos cortes tributários sobre itens como os combustíveis.

O índice registrou três meses consecutivos de deflação (queda), de julho a setembro. O corte de tributos veio em meio aos planos de reeleição de Jair Bolsonaro (PL), que acabaram frustrados pela derrota para Lula nas urnas.

Enquanto isso, os preços dos alimentos seguiram pressionados com os efeitos do clima adverso e da Guerra da Ucrânia, que elevou as cotações de commodities agrícolas.

Segundo o IBGE, o grupo alimentação e bebidas respondeu por 21,86% do IPCA em dezembro de 2022. É o maior peso entre os segmentos que compõem o índice, acima de transportes (20,52%).

Em dezembro de 2021, a ordem era inversa. Os transportes tinham o maior peso (21,92%), seguidos por alimentação e bebidas (20,69%).

Amudança reflete o aumento dos preços da comida e a queda dos combustíveis no ano passado.

O banco Original projeta IPCA de 0,62% em janeiro de 2023, além do impacto de 0,6 ponto percentual de um retorno da cobrança de PIS e Cofins sobre a gasolina, distribuído entre os meses de março e abril. No ano, o banco projeta IPCA de 5,8%.

O IBGE também informou que o INPC (Índice Nacional de Preços ao Consumidor) fechou 2022 com alta acumulada de 5,93%, abaixo de 2021 (10,16%). O indicador reflete os preços de bens e serviços com maior peso no consumo das famílias de renda menor (entre um e cinco salários mínimos).

A inflação pelo IPCA acumulada dos quatro anos do governo Bolsonaro ficou em 26,93%. Leia mais na pág. A16

Culpa é de commodities e de herança de 2021, justifica-se BC

Nathalia Garcia

BRASÍLIA O presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, afirmou em carta aberta divulgada nesta terça-feira (10) que o estouro da meta de inflação pelo segundo ano consecutivo se deve a cinco principais fatores, como a inflação herdada do ano anterior, fenômenos globais e retomada na demanda de serviços no emprego após reabertura da economia.

Entre os fatores globais, o BC cita a elevação dos preços de commodities, em especial do petróleo, desequilíbrios entre demanda e oferta de insumos, gargalos nas cadeias produtivas globais e choques em

preços de alimentação, resultantes de questões climáticas. A carta resalta que as projeções da autoridade monetária são que a inflação acumulada em quatro trimestres prossiga a trajetória de queda ao longo de 2023, terminando o ano em patamar inferior ao de 2022. "O cenário é de convergência da inflação para as suas metas", diz o BC.

O texto endereçado ao ministro da Fazenda, Fernando Haddad (PT), foi divulgado depois que o IBGE comunicou que a inflação oficial do Brasil (IPCA) fechou 2022 com alta acumulada de 5,79%.

O IPCA perdeu força em relação a 2021, quando havia subido 10,06%, mas ficou acima

da meta para o ano passado, de 3,5%, com tolerância de 1,5 ponto percentual para mais (5%) ou para menos (2%).

Ao longo de 2022, o IPCA chegou a bater em 12,13% no acumulado de 12 meses até abril. A perda de fôlego, com três meses consecutivos de deflação, de julho a setembro, foi puxada pelos cortes de impostos sobre combustíveis e outros itens.

O BC disse também que vários fatores colaboraram para reduzir o desvio da inflação em relação à meta. Além da questão tributária, mencionou o comportamento da bandeira de energia elétrica, que passou de escassez hídrica para bandeira verde, a apre-

ciação cambial e o hiato do produto no campo negativo.

O hiato do produto mede a diferença entre o crescimento potencial da economia e o efetivo, e a situação do mercado de trabalho é um dos termômetros para estimar essa diferença.

"Nesse sentido, ressaltamos o papel do aperto da política monetária para a contenção da inflação. A política monetária, que, em 2021 já havia passado do estímulo extraordinariamente elevado para o território contracionista, avançou substancialmente no terreno contracionista em 2022", disse.

Campos Neto reiterou que, para assegurar o retorno da in-

flação aos limites estabelecidos, o BC tem definido a meta para a taxa básica (Selic) e "continuará a fazê-lo".

Em dezembro, o Copom (Comitê de Política Monetária) manteve o patamar dos juros inalterado pela terceira reunião consecutiva e encerrou 2022 com a Selic em 13,75% ao ano.

A carta escrita por Campos Neto é a sétima desde a criação do sistema de metas para a inflação, em 1990, e a segunda de autoria do atual presidente do BC. No texto divulgado em janeiro do ano passado, endereçado ao então ministro Paulo Guedes, o chefe da autarquia atribuiu o estouro da meta de inflação de 2021 ao fenômeno global.

Já o antecessor de Campos Neto, Ilan Goldfajn, teve de se justificar por ter deixado a inflação ficar ligeiramente inferior ao limite mínimo estabelecido para o objetivo de 2017. Nos outros casos, referentes aos anos de 2015, 2003, 2002 e 2001, foi excedido o limite superior da meta de inflação. Entre as diversas causas, estavam a desvalorização do real, a crise de confiança de investidores, a crise global e o realinhamento de preços.

Antes de Campos Neto, Henrique Meirelles havia sido o único presidente do BC a ter escrito duas cartas ao longo de seu longo mandato, que durou de janeiro de 2003 a dezembro de 2010.